

CÂMARA OBSCURA

CORREIO BRAZILIENSE

Natal Eustáquio
Da equipe do Correio

DF - Música

O QUARTETO DE BRASÍLIA É CONSIDERADO O MELHOR CONJUNTO DE MÚSICA DE CÂMARA DO PAÍS. MAS NEM O LANÇAMENTO DO TERCEIRO CD FEZ O GRUPO OBTER EM SUA CIDADE O RECONHECIMENTO COMPATÍVEL COM SEU TRABALHO.

Dez anos de estrada, importantes prêmios na bagagem — recheada ainda com uma série de críticas favoráveis aos três CDs lançados pelo conjunto. Por onde o grupo tem se apresentado, no Brasil ou no exterior, o reconhecimento ao trabalho cada vez mais maduro.

Com esta trajetória, o Quarteto de Brasília, considerado hoje o melhor conjunto de música de câmara do Brasil, só ainda não conquistou prestígio junto ao público da cidade — exceção feita à reduzida parcela de amantes do gênero musical.

“Em Brasília, o espaço para a música de câmara é zero. Tocamos mais fora do que aqui, onde normalmente fazemos apresentações esporádicas, para plateias restritas, sobretudo em embaixadas”, conta o violoncelista Guerra Vicente.

O conjunto tem-se apresentado com certa frequência apenas no programa *Sextas Musicais*, da Casa Thomas Jefferson. Foi ali, aliás, que em maio passado o Quarteto lançou o terceiro CD. “A acústica das salas de concerto de Brasília é uma tristeza”, aponta a violeira Glêsse Collet.

Ainda existe preconceito contra a música erudita, percebe a violinista Ludmila Vinecka, que avisa: “Mas queremos desmistificar, acabar com isso”. “As pessoas acham que o Quarteto de Brasília só toca para a elite, ou em salas especiais, o que não é verdade”, reforça Guerra.

O conjunto tocou recentemente no Sesi Ipiranga, em São Paulo, e recebeu convites para se apresentar em La Paz, na Bolívia, e ainda na Nigéria. Em Brasília, o mais recente concerto foi para os servidores do Banco do Brasil, no Centro de Formação do BB.

“Temos internacionalizado o nome de Brasília, mas aqui não há política cultural para divulgar o nosso trabalho”, reclama Collet, segundo a qual há mais de três anos um projeto do conjunto repousa nos porões da Fundação Cultural do DF.

“Queríamos gravar todos os sete quartetos de Cláudio Santoro. No Brasil, muitas obras são esquecidas e não editadas. Não podemos deixar que isto aconteça com Santoro. Ele viveu em Brasília, compôs em Brasília e deve ser gravado por nós”, raciocina Vinecka.

Guerra afirma que o conjunto nunca teve qualquer tipo de resposta da Fundação Cultural quanto ao apoio pretendido. Cohen estima em R\$ 30 mil os custos do projeto.

Com o primeiro CD, o Quarteto arrebatou o 7º Prêmio Sharp de Música, em 1993, na categoria Clássico. O lançamento do segundo disco, uma coletânea de músicas populares brasileiras, rendeu ao grupo nova premiação, desta vez o Prêmio Luís Estevão de Cultura, em 1995.

Com o terceiro disco na praça, o Quarteto de Brasília reforça o amadurecimento do trabalho realizado ao longo dos dez anos de carreira. O novo CD — centrado em composições

Fotos: Divulgação



Os integrantes do Quarteto de Brasília gravaram composições de Heitor Villa-Lobos e Carlos Gomes no terceiro disco

ções de Villa-Lobos, Guerra-Peixe e Carlos Gomes —, aliás, foi lançado para celebrar a data.

“Mantivemos a opção pela música brasileira, que deu bastante certo com o segundo CD. A idéia é que um disco puxe o outro, e assim o público possa conhecer todo o nosso trabalho”, revela o violinista Cláudio Cohen.

Alguns meses depois do lançamento do terceiro CD, Guerra estima que tenham sido vendidas mais de mil unidades do disco. “Pode parecer pouco, mas é número recorde para conjuntos de música erudita no Brasil”, explica ele.

Lançado pela Paulinas Comep e Instituto Alberione, de São Paulo, o novo disco traz apenas composições

originais escritas para quartetos de cordas. Destaque para a *Sonata* de Carlos Gomes, peça desconhecida do público, há cinco anos descoberta em Campinas (SP).

“É uma peça lindíssima que editamos em homenagem ao Centenário de Nascimento de Carlos Gomes, festejado este ano”, esclarece Guerra. Entre outras peças editadas no CD

estão *Quarteto nº 1*, de Villa-Lobos, e *Quarteto nº 2*, de Guerra-Peixe.

Embora obtenham bons resultados de venda com os discos, os quatro componentes afirmam ser impossível viver apenas da música. “Todos nós temos outras atividades e a música somente aconteceu durante todo esse tempo graças ao amor que tempos pela música de câmara”, diz Vinecka.

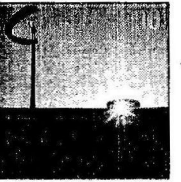
Exceção apenas a Cohen, *spala* da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional, todos os outros membros do Quarteto são professores do Departamento de Música da UnB. “Mas nosso trabalho com a música não visa o dinheiro, unicamente”, explica Guerra. “Se não, estaríamos perdidos”, completa.

CRÍTICA

SERENIDADE E SENSIBILIDADE

Paulo Pestana
Da equipe do Correio

Três compositores brasileiros formam o repertório do terceiro



disco do Quarteto de Brasília, uma festa para comemorar os 10 anos do conjunto. São três peças pouco conhecidas do grande público, exceto o *Quarteto nº 1* de Villa-Lobos, a primeira das obras do período pré-nacionalista que mais orgulhavam o maior dos compositores brasileiros.

E o Quarteto de Brasília imprime a serenidade e a sensibilidade que a peça exige. Com uma interpretação madura, o Quarteto de Brasília se firma como o mais atuante conjunto de câmara do Brasil, com um nível excepcional de ação. A seleção do repertório para o disco mostra a opção clara pela música brasileira, muito pouco registrada inclusive por artistas nacionais.

A mais brasileira das peças apresentadas é o *Quarteto nº 2*, de Guerra Peixe, inspirada no folclore nordestino que ele passou a estudar depois de abandonar o estilo dodecafônico que o aproximava dos compositores europeus nos anos 40. O Quarteto de Brasília trata a mistura de Guerra Peixe com vivacidade, como exige a pauta aparentemente simples do compositor, mas com uma dose de sofisticação que fica bastante evidente no terceiro movimento.

Carlos Gomes já tem uma escrita mais européia, mas a *Sonata* em quatro movimentos é uma delícia pela simplicidade que permite uma interpretação mais despojada. É quase um divertimento à brasileira o movimento final, *O Burrico de Pau*, com o primeiro violino fazendo as vezes do burrico. A obra é uma das menos conhecidas deixadas por Carlos Gomes e só foi descoberta bem depois de sua morte com a data de criação de 1894.

As três peças mostram a versatilidade do Quarteto de Brasília, que age em ambientes completamente diferentes e mostra que está em seu melhor momento.

SERVIÇO

QUARTETO DE BRASÍLIA — 10 ANOS

Terceiro CD do quarteto de Brasília. À venda nas Edições Paulinas (SCS), lojas 2001 e Gabriela Discos, ou então pelo fone (061) 577-1765 ou telefax (061) 577-4960. Preço médio do CD: R\$ 14. ★★